

---

# A DIALÉTICA DO DISCURSO<sup>1</sup>

Norman Fairclough

## RESUMO

O artigo focaliza a dialética do discurso na formulação da Análise Crítica de Discurso, com base na concepção da semiose como elemento inseparável de todos os processos sociais materiais. O autor também destaca discursos como imaginários, incluindo representações de como as coisas são, têm sido, poderiam e/ou deveriam ser, com vistas a dimensionar as relações dialéticas entre as práticas discursivas e as demais práticas sociais.

**Palavras-chave:** discurso, imaginário, representação.

## DISCURSO E PRÁTICAS SOCIAIS

A Análise Crítica de Discurso (doravante ACD) se baseia na concepção da semiose como elemento inseparável de todos os processos sociais materiais (Williams, 1977). Podemos pensar a vida social como redes interconectadas de práticas sociais de diferentes tipos: econômicas, políticas, culturais, familiares etc. Centrar o conceito de “prática social” permite o movimento entre as perspectivas da estrutura social, de um lado, e da ação social e da agência, de outro, ambas necessárias à pesquisa social e à análise (Chouliaraki & Fairclough, 1999). A expressão “prática social” dá conta de uma forma relativamente estabilizada de atividade social, como o ensino nas salas de aula, as notícias na TV, as refeições em família e as consultas médicas. Toda prática é uma articulação de elementos sociais diversos em uma configuração relativamente estável, sempre incluindo o discurso. Toda prática inclui os seguintes elementos:

- Atividades
- Sujeitos e suas relações sociais
- Instrumentos
- Objetos
- Tempo e lugar
- Formas de consciência
- Valores
- Discurso

Estes elementos são *dialeticamente* relacionados (Harvey, 1996). Em outras palavras, os elementos são diferentes, mas não são discretos, separáveis. Cada um deles “internaliza” os demais,

---

<sup>1</sup> O artigo *The Dialectics of Discourse* foi publicado originalmente na revista *Textus* (XIV.2 2001a, p. 231-242). Está disponível em <http://www.ling.lancs.ac.uk/profiles/263>. Foi traduzido, com autorização do autor, por Raquel Goulart Barreto.

---

sem que possa ser reduzido a qualquer outro. Assim, por exemplo, relações sociais, valores culturais e consciência são, em parte, semióticos, o que não significa que seja possível teorizar e pesquisar relações sociais da mesma forma com que teorizamos e pesquisamos a linguagem. Como têm propriedades distintas, pesquisá-los implica disciplinas também distintas (Embora seja possível e desejável o trabalho “transdisciplinar”, como em Fairclough, 2000).

A ACD é a análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais. No enfoque assumido por mim, a ACD está especialmente voltada para as mudanças radicais na vida social contemporânea, para os modos pelos quais o discurso está inscrito nelas e para as configurações atuais da relação entre a semiose e os outros elementos sociais nas redes de práticas. Não é possível assumir o papel do discurso nas práticas sociais como dado, devendo ele ser estabelecido a partir da análise. E o discurso pode ser mais ou menos importante em conjuntos específicos de práticas, além de poder mudar no/com o tempo.

O discurso é aqui concebido de três modos nas práticas sociais. No primeiro, como parte da atividade social dentro de uma prática. Por exemplo, como parte do desempenho de funções, de forma que ser vendedor de loja implica o uso da linguagem de modo particular, o mesmo ocorrendo com o governante de um país. No segundo, o discurso figura nas representações. Atores sociais inscritos em qualquer prática produzem representações acerca das demais, bem como representações (“reflexivas”) da sua própria, no exercício das atividades que a constituem. Eles “recontextualizam” outras práticas (Bernstein, 1990; Chouliaraki & Fairclough, 1999), isto é, incorporam-nas à sua própria prática, e representam-nas diferentemente em função do seu posicionamento. A representação é um processo de construção social de práticas, incluindo a autoconstrução reflexiva, modelando processos e práticas sociais. No terceiro, o discurso integra os modos de ser, a constituição das identidades. Assim, a identidade de um líder político, como Tony Blair no Reino Unido, é, em parte, um modo de ser semioticamente constituído.

O discurso, como parte da atividade social, compreende gêneros. Os gêneros correspondem a diferentes modos de agir, de produzir a atividade social, do ponto de vista semiótico. Como exemplos, considerem-se conversas cotidianas, reuniões em vários tipos de organização, entrevistas políticas ou não, revisão de livros etc. O discurso, nas representações das práticas sociais e nas autorrepresentações, constitui discursos (note-se a diferença entre o substantivo abstrato e a forma que admite a flexão de número). Discursos são representações distintas da vida social derivadas das posições assumidas. Atores sociais posicionados de modos diversos a “veem” e representam de maneiras diferentes, em discursos plurais. Assim, as vidas das

---

pessoas pobres ou com privações são representadas diferentemente nos discursos governamentais, nas políticas, na medicina, nas ciências sociais, além de variar no interior destas mesmas práticas, em função das diferentes posições assumidas pelos atores sociais. Finalmente, como parte dos modos de ser, o discurso constitui estilos, como os de administradores de negócios e os de líderes políticos.

A configuração específica assumida pela rede das práticas sociais constitui uma ordem social, como o neoliberalismo global ou, em nível local, o ordenamento da educação no tempo e no espaço de uma sociedade. Ao aspecto discursivo/semiótico de uma ordem social, chamamos *ordem de discurso*. Trata-se da maneira pela qual diferentes gêneros e estilos são combinados. Uma ordem de discurso é a estruturação social da diferença semiótica: um ordenamento particular das relações entre diferentes formas de produzir sentidos, como discurso, gêneros e estilos diferentes. Um dos seus aspectos é a dominância: a existência de formas dominantes ou centrais, enquanto outras se opõem a elas, sendo marginais ou “alternativas”. Por exemplo, pode haver uma forma dominante de conduzir uma conversa entre médico e paciente no Reino Unido, mas também há outras que podem ser adotadas ou desenvolvidas, com grau maior ou menor de oposição a esta. Provavelmente, a forma dominante manterá distância social entre médicos e pacientes, com a autoridade do médico regulando a interação, mas também há formas mais “democráticas”, em que os médicos abrem mão de exercer esta autoridade. O conceito político de “hegemonia” pode ser empregado na análise de ordens de discurso (Fairclough, 1992; Laclau & Mouffe, 1985): uma estruturação social específica da diferença semiótica pode se tornar hegemônica, participando da legitimação do senso comum que sustenta relações de dominação, sendo sempre mais ou menos contestada no contexto das disputas por hegemonia. Uma ordem de discurso não é um sistema fechado ou rígido, mas aberto, posto à prova nas interações concretas.

### **A DIALÉTICA DO DISCURSO**

Como já foi dito, a relação entre o discurso e os outros elementos das práticas sociais é dialética: o discurso incorpora e é incorporado por outros elementos, sem que nenhum deles possa ser reduzido ao outro ou isolado. Eles são diferentes, mas não discretos. Se pensarmos a dialética do discurso em termos históricos, focalizando os processos de mudança social, a questão a ser enfrentada diz respeito aos modos e às condições em que os processos de incorporação são desenvolvidos. Tomando o conceito de uma “economia do conhecimento” e de “sociedade do conhecimento”, é possível verificar a sugestão de mudança qualitativa nas economias e nas sociedades, com os processos sendo dirigidos pelo conhecimento: as mudanças, cada vez mais

---

rápidas, são atribuídas à produção, circulação e operacionalização de conhecimentos nos processos econômicos e sociais. Mesmo reconhecendo que o conhecimento (ciência e tecnologia) há muito constitui fator importante na mudança econômica e social, deve ser sublinhado o aumento dramático da sua significância. Na formulação acima, é especialmente relevante o fato de que, “dirigidas pelo conhecimento”, estas ideias remetem a “dirigidas pelo discurso”, uma vez que os conhecimentos são produzidos e circulam como discursos e, ainda, que o processo pelo qual os discursos são operacionalizados nas economias e nas sociedades corresponde justamente à dialética do discurso.

Os discursos incluem representações de como as coisas são e têm sido, bem como imaginários, entendidos como representações de como as coisas seriam, deveriam ou poderiam ser. Os conhecimentos na economia e na sociedade do conhecimento são imaginários neste sentido de projeções de possíveis estados de coisas, “mundos possíveis”. Tomando o conceito de prática social, estas formulações imaginam práticas sociais e redes de práticas sociais possíveis, como sínteses de atividades, sujeitos, relações sociais, instrumentos, objetos, tempos-espacos (Harvey, 1996), valores e formas de consciência. Estes imaginários podem ser encenados como (redes de) práticas reais: atividades, sujeitos, relações sociais etc. imaginados podem “se tornar” (atividades, sujeitos, relações sociais, etc.) reais. Esta encenação inclui a materialização de discursos – os econômicos, por exemplo, nos instrumentos de produção econômica, como *hardware* (base física, maquinário) e como *software* (sistemas de gerenciamento). Estes movimentos são, em parte, discursivos, semióticos, realizados como gêneros. Considerem-se, como ilustração, os novos discursos de gerenciamento de sistemas que os supõem baseados em modos de organização fundados no trabalho em equipe relativamente não-hierarquizado, em rede. Discursivamente, funcionam como novos gêneros, como é o caso dos que se referem a reuniões de equipe. Configuram discursos acerca de novos modos de agir e interagir no processo de produção e podem remeter a novos espaços físicos (ex. salas de seminário) para a realização das atividades em grupo.

Discursos como imaginários também podem vir a ser inculcados como novos modos de ser, novas identidades. É lugar comum a afirmação de que novas formações econômicas e sociais dependem de novos sujeitos. Por exemplo, o taylorismo, como sistema de produção e gerenciamento, depende de mudanças nos modos de ser, nas identidades dos trabalhadores (Gramsci, 1971). O processo de “mudar o sujeito” pode ser pensado em termos de inculcar novos discursos, como no exemplo acima. No jargão corrente, inculcar significa fazer com que as pessoas assumam discursos, posicionando-se dentro deles, agindo, pensando, falando e se vendo nos termos dos novos discursos. Inculcar é um processo complexo e provavelmente menos seguro do que a encenação.

---

Um estágio em direção ao primeiro é o uso retórico: as pessoas podem aprender novos discursos e usá-los com propósitos específicos, sem deixar de manter distância consciente em relação a eles. Um dos mistérios da dialética do discurso é o processo pelo qual o que começou como uso retórico consciente se torna “propriedade” – como as pessoas se tornam inconscientemente posicionadas no interior de um discurso. Inculcar também tem seus aspectos materiais: os discursos são dialeticamente inculcados não apenas como estilos (modos de usar a linguagem), mas também se materializam nos corpos, posturas, gestos, movimentos etc.

Não há nada de inevitável na dialética do discurso na descrição aqui apresentada. Um novo discurso pode ser inserido em uma instituição ou organização sem ter sido encenado ou inculcado. Pode ser encenado e não chegar a ser inculcado. Entre os muitos exemplos possíveis, vale destacar que os discursos empresariais têm sido constantes nas universidades britânicas (como procedimentos de avaliação de equipe, incluindo um novo gênero de entrevista), mas não chegam a ser inculcados, já que a maioria dos acadêmicos não “possui” estes discursos. É preciso considerar as condições de possibilidade e as restrições à dialética do discurso nos casos particulares. Esta formulação está reportada às teorias do “construtivismo social” (Sayer, 2000). É lugar comum na ciência social contemporânea a concepção de que as entidades sociais (instituições, organizações, agentes sociais, etc.) são constituídas por processos sociais, assim como a de que a compreensão desses mesmos processos é favorecida pela efetividade dos discursos. Como nos exemplos aqui apresentados, as entidades sociais são, em certo sentido, efeitos de discursos. Entretanto, o construtivismo social se torna problemático quando desconsidera a relativa solidez e a permanência das entidades sociais, bem como a sua resistência à mudança. Mesmo discursos poderosos como o do novo gerenciamento podem encontrar resistências a que sejam encenados ou inculcados em qualquer nível. Ao utilizar a teoria dialética do discurso na pesquisa social, é preciso considerar, caso a caso, as circunstâncias que condicionam se e em que nível as entidades sociais resistem a novos discursos.

Discutirei, em seguida, esta perspectiva da dialética do discurso em relação à linguagem no novo capitalismo.

## O NOVO CAPITALISMO

A descrição sucinta do novo capitalismo, apresentada abaixo, foi escrita por Bob Jessop (2000) e retirada de *site* dedicado à pesquisa da linguagem neste contexto ([www.uoc.es/humfil/nlc/LNC-ENG/Inc-eng.html](http://www.uoc.es/humfil/nlc/LNC-ENG/Inc-eng.html)).

---

O modo de produção capitalista é historicamente distinto, não apenas por sua tendência às crises, mas por sua capacidade de renovar periodicamente as bases da expansão econômica e, ao fazê-lo, rearticular e reescalonar as relações entre o econômico, o político e o social. É justamente esta renovação que está ocorrendo após a crise de acumulação do período pós-guerra, fundada no Fordismo Atlântico. O capitalismo vem sendo reestruturado e reescalonado com base em novas tecnologias importantes, em novos modos de coordenação econômica e na crescente subsunção das relações extraeconômicas à lógica da acumulação de capital. Tem sido discursivamente expresso por: economia da informação, economia dirigida pelo conhecimento, globalização, crescimento de economias regionais, cidades empresariais, economia em rede, alianças estratégicas, governo sem governança, capitalismo turbo, compressão de tempo-espço, flexibilidade, economia de aprendizagem e cultura empresarial. Governos em diferentes escalas e das mais variadas orientações políticas agora assumem como um simples fato da vida (embora um “fato” produzido em parte por acordos intergovernamentais) que todos devam se curvar à lógica emergente de uma economia do conhecimento globalizada. Ainda que variem as respostas a esta lógica institucional e operacional, sua forma dominante, se não hegemônica, no mundo anglófono, é neoliberalismo. Trata-se de projeto político para reestruturar e reescalonar as relações sociais de acordo com as exigências de um capitalismo global sem restrições (Bourdieu, 1998). O domínio das empresas multinacionais estadunidenses e o Estado imperialista daquele país – no horizonte de interesses financeiros e industriais em toda parte e com o apoio do Estado Britânico – posicionaram o neoliberalismo no topo da agenda global. O neoliberalismo foi imposto às economias pós-socialistas como (supostamente) a melhor alternativa de transformação rápida do sistema, renovação econômica e reintegração na economia global. Foi assumido na maioria das sociedades anglófonas em substituição às economias mistas desacreditadas e às propostas de Bem-Estar Social no pós-guerra, baseadas em um compromisso institucionalizado entre capital e trabalho. Também é evidente nos ajustes políticos dos regimes mais corporativistas e centralizados da Europa Continental, do Leste Asiático e da América Latina. De uma forma ou de outra, tem sido adotado como fato, se não como teoria, tanto pelo Social Democrata quanto por partidos políticos conservadores, em diversas partes do mundo. Com raras, mas importantes exceções, o neoliberalismo passou a dominar a cena política e tem resultado na desorientação e no desgaste das forças econômicas, políticas e sociais comprometidas com alternativas radicais. Tem contribuído, assim, para o fechamento do debate público e para o enfraquecimento da democracia.

Estados em diferentes escalas, de pequenas a grandes cidades, passando por blocos regionais, nacionais ou supranacionais, como a União Européia, têm se empenhado em promover a

---

inserção dos seus respectivos espaços econômicos na nova ordem mundial emergente. Este movimento tem reforçado as pressões econômicas e extraeconômicas de reestruturação e reescalonamento ditadas pelas supostamente impessoais leis de mercado. Tem levado a ataques radicais ao bem-estar social universal em nome do custo da produção internacional e à redução da proteção oferecida às pessoas contra os efeitos dos mercados. Tem levado também ao aprofundamento da divisão entre ricos e pobres, ao aumento da insegurança e da tensão econômica até mesmo para as “novas classes médias” e, ainda, à intensificação da exploração do trabalho. A ênfase ilimitada no crescimento também traz grandes ameaças ao meio ambiente. Tem produzido um novo imperialismo no qual as agências financeiras internacionais, sob a tutela estadunidense e dos seus aliados ricos, impõem indiscriminadamente a reestruturação dos outros países, algumas vezes com consequências desastrosas, como no caso da Rússia. O problema não é exatamente o ímpeto de aumentar a integração econômica, mas a forma específica como ela tem sido imposta, bem como as suas consequências, entre as quais a distribuição desigual da riqueza, para os que devem segui-la.

### **A LINGUAGEM NO NOVO CAPITALISMO**

Afirmar anteriormente que a ideia de um novo capitalismo como uma ordem socioeconômica baseada no/dirigida pelo conhecimento implica que também seja “dirigido pelo discurso”, sugerindo que a linguagem possa ter um papel mais significativo nas mudanças socioeconômicas contemporâneas do que no passado. Sendo assim, a análise de discurso tem uma contribuição importante na pesquisa das transformações do capitalismo. Esta importância não passou despercebida por pesquisadores sociais. Bourdieu e Wacquant (2001), por exemplo, apontam para uma “nova vulgata planetária” que caracterizam como um vocabulário (globalização, flexibilidade, governança, empregabilidade, exclusão, etc.) “dotado do poder performativo de forjar as realidades que afirma descrever”. No caso, o projeto político neoliberal de remover os obstáculos à nova ordem econômica é orientado/dirigido pelo discurso.

Por outro lado, ao sublinhar a importância da linguagem nas transformações socioeconômicas, o artigo de Bourdieu e Wacquant remete à necessidade da contribuição dos analistas de discurso à pesquisa social. Não basta caracterizar a “nova vulgata planetária” como uma lista de palavras, como vocabulário. É preciso analisar textos e interações para mostrar como são produzidos alguns dos efeitos que os autores identificam (como fazer com que as transformações socioeconômicas do novo capitalismo e as políticas governamentais para facilitá-las pareçam inevitáveis; representar desejos como fatos, representar imaginários de interesses políticos

---

como o modo pelo qual o mundo realmente é). Em outras palavras, a abordagem que os autores fazem da efetividade do discurso neoliberal extrapola os limites dos seus métodos de pesquisa sociológica.

Não são apenas análises de textos e interações que os analistas de discurso podem trazer para a pesquisa social no novo capitalismo, mas a teorização da dialética de discurso aqui esboçada. Se pensarmos na reestruturação e no reescalonamento a que Jessop se refere na abordagem das redes de práticas sociais, eles também reestruturam e reescalonom o discurso, as ordens de discurso. Começando por estas, há alterações nas relações, mudanças no processo de constituição de redes e entre elementos discursivos de diferentes (redes de) práticas sociais. Um exemplo a destacar é a maneira pela qual o discurso do gerenciamento tem colonizado instituições públicas e organizações como as universidades – embora seja preciso marcar este processo como colonização/ apropriação dialética, isto é, não apenas como a entrada de um discurso em novos domínios, já que envolve os diferentes modos como ele é recebido, apropriado e recontextualizado em cada um deles e, ainda, os resultados deste processo, que são, em última análise, impossíveis de prever. O reescalonamento das ordens de discurso diz respeito às mudanças na constituição de redes de elementos discursivos de práticas sociais em níveis diferentes das organizações: globais, regionais, nacionais e locais. Como exemplo, cabe destacar a permeabilidade aumentada e acelerada de práticas sociais locais (governo, pequenas indústrias e mídia) aos discursos disseminados para todo o mundo por organizações como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Incorporando a abordagem da transformação do capitalismo, feita por Jessop, no quadro da teoria dialética do discurso, tem-se um referencial teórico para a pesquisa do poder de penetração global da “nova vulgata planetária” a que se referem Bourdieu e Wacquant, bem como para a compreensão dos seus limites.

Também é necessário pesquisar o que esses autores chamam de “poder performativo” da “nova vulgata planetária”: seu poder de “forjar as realidades que afirma descrever”. Como este discurso vem a ser encenado em modos de ação e interação (incluindo gêneros) e inculcado em modos de ser (incluindo estilos)? A pesquisa desta questão crucial requer investigação detalhada da mudança organizacional e institucional em bases comparativas, como no estudo coordenado por Salskov-Iversen (2000) acerca da colonização/apropriação discursiva contrastante do “gerenciamento público” por autoridades locais no Reino Unido e no México, desde que inscrita na teoria dialética aqui esboçada. Ver também Iedema (1999).

---

## CONCLUSÃO

Como síntese, três considerações merecem destaque. A primeira delas é a de que a linguagem, nas mudanças socioeconômicas contemporâneas, tem uma importância que talvez seja qualitativamente diferente da que teve nas transformações anteriores. A segunda diz respeito ao fato de que, embora pesquisadores sociais a valorizem, a linguagem não tem sido satisfatoriamente objetivada em função das limitações teórico-metodológicas do campo. Daí a necessidade de analistas de discurso. Finalmente, a contribuição dos analistas de discurso não pode ficar circunscrita aos métodos existentes de análise textual (que talvez precisem ser repensados de modo radical), mas assumir a teoria dialética de discurso delineada neste texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNSTEIN, B. *The Structuring of Pedagogic Discourse*, Routledge, London, 1990.
- BOURDIEU, P. A reasoned utopia and economic fatalism. *New Left Review*, n. 227, p. 25-30. 1998.
- \_\_\_\_\_; WACQUANT, L. New liberal speak: notes on the new planetary vulgate. *Radical Philosophy*, n. 105, p. 2-5. 2001.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Discourse, social theory and social research: the discourse of welfare reform. *Journal of Sociolinguistics*, n. 4, p. 163-195. 2000.
- GRAMSCI, A. *Selections from the Prison Notebooks*. London: Lawrence & Wishart, 1971.
- HARVEY D. *Justice, Nature and the Geography of Difference*. Oxford: Blackwell, 1996.
- IEDEMA, R. Formalizing organizational meaning. *Discourse and Society*, n. 10 (1), p. 49-65. 1999.
- JESSOP, R. The crisis of the national spatio-temporal fix and the ecological dominance of globalizing capitalism. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 24 (2), p. 323-360. 2000
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso: London, 1985.
- SALSKOV-IVERSEN D; HANSEN, H.; BISLEV, S. Governmentality, globalization and local practice: transformations of a hegemonic discourse. *Alternatives*, n. 25, p. 183-222. 2000.
- SAYER, A. *Realism and Social Science*. London: Sage, 2000.
- WILLIAMS, R. *Marxism and Literature*. Oxford: OUP, 1977.

---

## THE DIALECTICS OF DISCOURSE

### ABSTRACT

This paper is focused on the dialectics of discourse in the formulation of Critical Discourse Analysis, based upon a view of semiosis as an irreducible element of all material social processes. The author also points out to discourses as imaginaries, including representations of how things are and have been, might or could or should be, in order to grasp the dialectical relationships between discourse and other social practices.

**Keywords:** discourse, imaginary, representation

*Recebido e aprovado em junho de 2010*